



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
29 de novembro 25

WHY WORRY? / 1923
(Engula a Pílula!)

Um Filme de Fred Newmeyer e Sam Taylor

Realização: Fred Newmeyer e Sam Taylor/ Argumento: Sam Taylor/ Fotografia: Walter Lundin/ Montagem: Thomas J. Crizer/ Intérpretes: Harold Lloyd (Harold Van Pelham), Jobyna Ralston (a enfermeira), John Aasen (Colosso, o gigante), Leo White (Herculeo), James Mason (Jim Burke, o renegado), Wallace Howe (Mr. Pippis, o criado), Mark Jones, Gaylor Lloyd, Charles Stevenson (revolucionário de bigode), Lee Phelps (um convidado), William Gillespie (um oficial), Sam Lufkin (um soldado).

Produção. Hal Roach, para PATHÉ/ Cópia digital, preto e branco, muda, com intertítulos legendados em português/ Duração: 70 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, cinema Strand, em 16 de Setembro de 1923/ Estreia em Portugal: São Luís, em 30 de Janeiro de 1929.



A exibição de **Why Worry?** quase em simultâneo com **Battling Butler** *, de Buster Keaton permite estabelecer comparações curiosas e acentuar as diferenças entre os dois comediantes, as suas formas e mesmo objectivos ou a filosofia pessoal de cada um. O ponto de partida é semelhante nos dois. Ambos são milionários "enfasiados" que o amor vai fazer despertar e aparecer insuspeitadas energias. O caso de Harold Van Pelham (o personagem de Lloyd) é extremo. Não é apenas um menino

mimado "incapaz" de agir porque tem quem imediatamente satisfaça os seus desejos (ou caprichos), mas também um caso "perdido" de hipocondria. Enviado pelo médico para uma estância numa ilha na costa da América do Sul, desloca-se para o barco de ambulância com a sua enfermeira privativa e uma mala de medicamentos. A fobia de Harold é exposta logo nesse momento quando a sua maca é colocada ao lado de um doente real. O pânico leva-o a saltar da maca e a correr velozmente.

O que vai acontecer a seguir é aquilo a que se chama o efeito "placebo", e isto poderia bem servir para caracterizar os personagens geralmente interpretados por Lloyd. Quase sempre (mas principalmente nesta fase da sua carreira de longas-metragens que vai de **A Sailor Made Man** até ao fim do mudo) Lloyd é sujeito de uma superstição ou fobia que apenas vence por "efeito" de um talismã ou um "placebo". Recorde-se **Grandma's Boy/Harold Neto Amimado**, em que o personagem se transforma de um indivíduo timorato noutro audacioso e "feroz" graças a uma "poção mágica" (de "coração" de leão) que a avó lhe dá, e que é um licor inofensivo, funcionando como placebo. Aqui, os medicamentos (reais ou de substituição) tem o mesmo efeito, e só durante o processo de transformação Harold se apercebe que no fim de contas está apenas a contar com as suas próprias forças. Mas não sem uma "ajuda" (disfarçada ou não) que neste caso lhe é prestada pelo bom gigante a quem arrancara o dente que lhe causava aflição, num dos gags mais divertidos do filme que recorre às fábulas (o leão com o espinho na pata). Esta é uma marca que o separa de Keaton, pois este usa apenas a sua própria energia redobrada no combate.

É no processo de transformação que algo ainda mais profundo divide os dois comediantes. Se Keaton representa o lado sombrio da América e Langdon a sua característica lunar, Lloyd, por sua vez é a sua face "solar", isto é, representa a triunfante arrogância do americano no estrangeiro e da sua interferência na política dos outros países.

Repare-se, por um lado, na forma como Harold circula pelo meio daquele país de opereta (até esta faceta, sem a demolidora ironia que os irmãos Marx trarão em **Duck Soup**), como alguém superior e condescendente tratando os autóctones de forma paternalista, como crianças (a referência a que "acabem imediatamente" com a revolução por estar a perturbar o seu repouso, não deixa de ser sugestiva, hoje mais do que nunca, quando os EUA se encontra, de novo, na posição de "polícia" único do planeta). Lloyd com o seu optimismo "alarve" é o representante no cinema burlesco dos personagens de Douglas Fairbanks nos filmes de aventuras, ambas demonstrando a superioridade (mesmo que apresentada com laivos de paródia) do americano e a sua "condição inata" para resolver as situações mais complicadas em qualquer sítio (a forma como Harold resolve a "revolução" é quase uma apologia da intervenção americana no México, a que a figura dos "revolucionários" alude). Não admira que ambos tenham sido os actores mais populares do seu tempo. Aliás ambos foram também os que souberam melhor pôr em prática essa profissão de fé no capitalismo triunfante, precavendo os direitos autorais dos seus trabalhos. Lloyd tornou-se um dos milionários de Hollywood principalmente depois de ter deixado o cinema, com, entre outras coisas, a exploração da sua imagem e dos seus filmes.

Lloyd tinha, fundamentalmente, a capacidade de tornar risível qualquer situação, através do exagero e da caricatura, como se destaca nas sequências finais durante o combate de Harold e do gigante contra os rebeldes.

Manuel Cintra Ferreira